



Produção agroecológica de arroz na Guiné-Bissau, na perspectiva da etnia Bijagó

Agroecological production of rice in Guiné-Bissau, in the perspective of etnia Bijagó

CARDOSO, Lourenço¹; MOREIRA LOPES, Alexandrino²; SGARBI SANTOS, Jaqueline³

¹Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira, chirycardoso@hotmail.com

²Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira, all-lobes@hotmail.com,

³Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira,
sgarbi.jaqueline@unilab.edu.br

Eixo temático: Manejo de Agroecossistemas de Base Ecológica

Resumo: A Guiné-Bissau é um país situado na costa ocidental do continente africano. Possui cerca de 80 ilhas, entre elas o arquipélago dos Bijagós, no qual vive uma das 30 etnias presentes no país. O presente trabalho tem como objetivo, compartilhar a experiência da produção tradicional de arroz na Guiné-Bissau concretamente na região de Bolama (Arquipélago dos Bijagós), na perspectiva da etnia Bijagó enfatizando o papel das práticas ecológicas desenvolvidas pelo povo Bijagó. As informações foram obtidas pelos relatos dos discentes da UNILAB que pertencem à etnia Bijagó. Assim, embora o termo agroecologia não seja conhecido entre os Bijagós, no entanto as práticas são semelhantes e aliam produção agrícola, com sustentabilidade ambiental e cultura local.

Palavras-Chave: produção tradicional; sistemas locais; produção orgânica.

Keywords: traditional production; local systems; organic production.

Contexto

A Agroecologia tem se mostrado como uma ciência que preconiza sistema de produção consonantes com a natureza e que tem se mostrado de especial importância para agricultores familiares e camponeses de todo mundo. Trata-se de uma ciência capaz de promover a soberania e segurança alimentar dos povos, por meio de um sistema de produção capaz de aliar produção de alimentos e fibras com sustentabilidade ambiental, em especial para a conservação do solo e água e respeitando as tradições e culturas locais.

A agroecologia oferece os princípios ecológicos básicos para o estudo e conservação dos ecossistemas, tanto produtivos quanto preservadores dos recursos naturais e que sejam culturalmente praticáveis, garantindo assim, um agroecossistema sustentável.

O presente trabalho tem como objetivo, compartilhar a experiência da produção tradicional de arroz na Guiné-Bissau concretamente na região de Bolama (Arquipélago dos Bijagós), na perspectiva da etnia Bijagó enfatizando o papel das práticas ecológicas desenvolvidas pelo povo Bijagó. Sua contribuição para o eixo temático consiste em relatar uma perspectiva de produção agroecológica ligada a uma etnia específica que tradicionalmente planta arroz na Guiné Bissau.



As informações foram obtidas por meio dos depoimentos de estudantes Guineenses de curso de agronomia na Universidade da Integração da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), uma universidade brasileira que recebe estudantes estrangeiros, em especial daqueles países africanos que possuem o português como idioma oficial. A vivência dos estudantes em seu país de origem estruturaram as informações relatadas no trabalho.

Descrição da Experiência

A Guiné-Bissau é um país situado na costa ocidental do continente africano, com uma superfície total de 36.125 km², com aproximadamente 1.600 habitantes, dividido em oito regiões e um Setor Autônomo, onde está a atual capital do país, Bissau. Rico em biodiversidade possui duas estações do ano, seca e chuvosa, com uma pluviosidade média de 2.002,5 mm por ano (2015) e um solo fértil apropriado para diferentes tipos de cultivos que podem ser encontrados em todo território do país. Possui cerca de 80 ilhas, entre elas o arquipélago dos Bijagós, na região de Bolama, sul do país, concretamente na primeira cidade histórica do país, em Bolama vive a etnia Bijagó. O país conta com mais de 30 grupos étnicos diferentes, cada um com a sua cultura, rituais e costumes.

O arquipélago dos Bijagós é composto por cinquenta e três (53) ilhas, ilhéus e ilhotas, e está situada na costa ocidental da Guiné-Bissau, no oceano atlântico. Contém dezenove ilhas que são habitadas por cerca de 15.000 pessoas chamadas Bijagós, sendo que após a independência do país em 24 de setembro 1973 foi dividido em 3 setores com funções administrativas: Bolama, Bubaque e Caravela, posteriormente o setor de Caravela foi dividido em dois: Uno e Caravela.

O Bijagó é uma das etnias guineense que mais preserva a cultura local. O povo Bijagó é tradicionalmente ligado às atividades agrícolas, pois a economia do arquipélago repousa essencialmente na agricultura e de forma complementar também se desenvolve a pesca artesanal. Os sistemas agroecológicos são profundamente enraizados na racionalidade ecológica da agricultura tradicional. Conforme Altieri, (2012), os Bijagós são exemplos de sistemas agrícolas bem sucedidos, assim como outros caracterizados por sua grande diversidade de culturas e animais domésticos, pela sua gestão da água e da biodiversidade – todas essas práticas baseadas no conhecimento tradicional. Os bijagós possuem um sistema agrícola tradicional para plantio de arroz bem distinto, dividido em duas fases: a primeira é realizada por meio do desmatamento e queima, sendo que nessa fase as tarefas são divididas entre homens e mulheres, os homens são os responsáveis pelo desmatamento e queima da área que posteriormente vai ser cultivada e, as mulheres desenvolvem o plantio. A segunda fase consiste nas bolanhas que são zonas aráveis, com características alagáveis, nessas áreas se cultiva arroz. Nestas fases homens são protagonistas no processo de plantio do arroz, pois nessa fase os trabalhos executados são mais pesados com o uso de arados e enxadas para fazer réguas nas bolanhas, para serem replantadas as mudas do arroz que anteriormente foram plantadas pelas mulheres na primeira fase, algo que exige muita força física. As bolanhas são consideradas lugares de grandes



interesses para o povo Bijagó, visto que, por meio do plantio nas bolanhas é possível se obter renda após a safra de arroz de cada ano.

Entre os meses de maio a junho, início da época chuvosa no país, ocorre à primeira fase de plantio, as mulheres vão semear as sementes de arroz na área que foi limpa pelos homens, como foi explicado no parágrafo acima. O arroz vai crescer nessa área no período de um mês para depois ser transplantado nas bolanhas. Vale lembrar que esse processo é bem monitorado, evitando que os animais não estraguem as mudas e também para que as outras plantas espontâneas não comprometam o processo de crescimento e desenvolvimento do arroz. Depois sucede o preparo de solo nas bolanhas, pois como a atividade ocorre todos os anos, obriga-se a fazer descompactação do solo, porque este fica compactado e seco nas épocas de seca. Após a descompactação, realiza-se a cobertura do solo com palhas de palmeiras *Roystonea regia* ou *Roystonea oleracea*, e restos de outros materiais, como palhas de arroz que formam colhidas na cultura passada. Os materiais serão decompostos pelos organismos presentes no solo e vão aportar matéria orgânica e nutrientes ao solo. A matéria seca que não se decompõe em tempo antes do plantio, será retirada e posteriormente queimada. Depois de um mês, dá-se o início do plantio de arroz, que consiste na replantação de mudas de arroz pré-germinado, para bolanha.

É importante salientar que essa fase de plantio é uma das mais importantes para o cultivo, pois muitas pessoas ao semear não fazem monitoramento para acompanhar o desenvolvimento de cultura e verificar se existem plantas espontâneas ou insetos que possam atacar a cultura, e dificultar o seu desenvolvimento. Portanto o acompanhamento e manejo das áreas constituem aspectos muito importantes para evitar a competição de nutrientes entre a cultura do arroz com as plantas espontâneas.

Vale lembrar que nas bolanhas não é utilizado o sistema de consórcio, ou seja, não semeia outras culturas, apenas o arroz. A forma de controle e combate de insetos não é realizada com frequência, embora ocorram, em alguns casos na fase final de cultivo do arroz, mas em geral não causam danos significativos.

O processo de plantio de arroz na Guiné-Bissau se baseia nos princípios agroecológicos, embora esse termo seja desconhecido, pois se trata de uma agricultura tradicional, que foi desenvolvida com o passar dos anos e transmitida de geração em geração. Os Bijagós são povos muito disciplinados na conservação da natureza, e a biodiversidade das áreas dessa etnia é uma das mais ricas e conservadas do país.

As pequenas propriedades rurais são chave para segurança alimentar mundial. Tal como na Guiné-Bissau, os pequenos agricultores rurais, são os principais responsáveis pelo sustento da maioria de famílias, (tanto nas zonas rurais, quanto nas zonas urbanas). Pequenas propriedades rurais são mais produtivas e conservam mais os recursos naturais do que as grandes monoculturas. Como foi relatado acima sobre o sistema da conservação do povo Bijagó. Pequenas



propriedades rurais representam um santuário de Agrobiodiversidade livre de Organismos Geneticamente Modificados (OGMs). Tendo conta o não desenvolvimento tecnológico no país os OGMs estão longe dos pequenos produtores rurais e principalmente os que vivem nas mais longínquas zonas do país (ALTIERI, 2012).

Para o plantio do arroz a mão de obra é assegurada pelos proprietários da terra. No entanto se a área plantada for maior, haverá a utilização de força de trabalho dos jovens. Tradicionalmente os jovens não recebem salário para auxiliar no plantio, pois realizam a atividade em prol do bem da coletividade, movidos por um senso de respeito pelo trabalho que está sendo efetuado. Atualmente existem casos em que os grupos de jovens recebem um valor baixo para auxiliar no processo produtivo.

Para a realização do trabalho são usados instrumentos manuais como arados, enxadas e catanas (Pequena espada curva gume, muito utilizadas nas zonas rurais em África). O resultado do plantio é utilizado para a subsistência da família, sendo que hoje em dia a comercialização de excedentes não é mais uma prática frequente nas zonas rurais de Guiné-Bissau. Em alguns casos ocorre a troca das sementeiras entre agricultores, especialmente no início do cultivo. O povo Bijagó é reconhecidamente uma etnia que se destaca por ser muito solidário e unido, característica que facilita os processos comunitários.

Resultados

A realização do presente relato trouxe a constatação de que, embora o termo Agroecologia seja pouco conhecido ainda no país pela minoria dos camponeses, porém as práticas são as mesmas, pois aliam produção agrícola, sustentabilidade ambiental e cultura local. De acordo com Altieri, (2012) os sistemas de produção fundada em princípios agroecológicos são biodiversos, resilientes, eficientes do ponto de vista energético, socialmente justos e constituem os pilares de uma estratégica e produtiva fortemente vinculada à noção de soberania alimentar, questões fundamentais para o contexto da maioria dos países africanos.

Agradecimentos

As professoras da Unilab Daniela Queiroz Zuliani e Jaqueline Sgarbi Santos. Aos colegas de curso Brás Serifo dos Santos e Belízio Correia Tavares, ambos da etnia Bijagó, por deporem sobre o sistema de cultivo tradicional da sua etnia.

Referências bibliográficas

ALTIERI, M. Agroecologia: Bases científicas para uma agricultura sustentável, p. 17-363, 2012.